

XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007.

# **A especificidade da História do Tempo Presente na análise do passado recente e suas relações com a Memória: contribuições para a análise do processo bolivariano.**

Ribeiro, Vicente Neves da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil).

Cita:

Ribeiro, Vicente Neves da Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil). (2007). *A especificidade da História do Tempo Presente na análise do passado recente e suas relações com a Memória: contribuições para a análise do processo bolivariano*. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-108/669>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/eU8X/6qz>

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.*

**XI° JORNADAS INTERESCUELAS/ DEPARTAMENTOS DE HISTORIA  
Tucumán, 19 al 21 de Septiembre de 2007**

**Título:** A especificidade da História do Tempo Presente na análise do passado recente e suas relações com a Memória: contribuições para a análise do processo bolivariano

**Mesa Temática Abierta:** Problemas teóricos y metodológicos de la representación del pasado reciente: conocimiento histórico y memoria – Historia reciente

**Universidad, Facultad y Dependencia:** Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIST-IFCH-UFRGS).

**Autor/res-as: (Apellido/s y nombres, Cargo Docente, Investigador-a, Alumno-a)**

Vicente Neves da Silva Ribeiro, mestrando em História

**Dirección, teléfono, fax y dirección de correo electrónico:**

Rua Barbedo, 581/304. CEP: 90110260. Porto Alegre-RS. Brasil.

Telefone: (51)3233.6540 / 9735.9600. Correio Eletrônico:

[vicente.ribeiro@ufrgs.br](mailto:vicente.ribeiro@ufrgs.br)

Esta comunicação visa trazer à discussão algumas questões surgidas neste início de pesquisa de mestrado em torno do processo bolivariano. Salta aos olhos a proximidade temporal deste objeto, mais do que isto, o fato de ser um processo não concluído, em aberto. Isto é, não só, a primeira vista, não haveria o necessário distanciamento: estaríamos dentro do próprio desenrolar deste processo.

Para responder a estas questões os debates sobre a história do presente têm uma enorme importância. Afinal incorporar o presente à produção historiográfica requer sem dúvida um esforço de elaboração teórico específico. Toda uma forma de compreender a história ligando-a de forma exclusiva ao passado deve ser colocada em questão.

É fora de dúvida que os avanços teóricos em torno da história do presente influenciam de forma significativa o conjunto da disciplina histórica. Afinal esta é colocada fora do terreno no qual sua soberania seria absoluta e teria, portanto, a última palavra: o passado. No presente, ao contrário, as demais disciplinas das humanidades

atuam sem dúvida com muito mais desenvoltura que a história. Não é à toa que esta precisa ainda hoje justificar suas incursões. Este deslocamento para um território inóspito é carregado de novos desafios para repensar a produção do conhecimento histórico, o que o delimita enquanto conhecimento específico dentro das ciências humanas. Isto é, se a delimitação do passado como objeto da história a definia de forma relativamente satisfatória quando esta aborda o presente é o conjunto de seus fundamentos que estão em questão.

Além disso, nos debates em torno da história do presente é fundamental debater qual a contribuição específica da nossa disciplina para a compreensão do presente. E na pesquisa em questão, qual a contribuição da história para a compreensão do processo bolivariano.

A história do presente é compreendida nesta comunicação como subdisciplina da história, sendo certamente parte deste campo, mas com especificidades que a delimitam claramente dentro dele. Compreender estas delimitações não visa tão somente definir melhor o conceito de história do presente, mas igualmente produzi-la com uma maior consciência.

## **I. A especificidade da contribuição da história na compreensão do presente no campo das ciências humanas**

A história do presente é quase obrigatoriamente uma história com alto grau de interdisciplinaridade. Afinal, a representação da experiência vivida é o terreno privilegiado de atuação de tantas outras disciplinas das ciências humanas: a sociologia, a ciência política, a comunicação social, a antropologia, dentre outras, são algumas das companhias mais frequentes da história do presente. Esta proximidade não nos levaria a uma inevitável confusão entre estes campos das ciências humanas? Na realidade a história do presente não se confundiria com as demais humanidades?

Entendemos que não. A história traz contribuições diferenciadas para a compreensão do passado recente. Assim como as demais humanidades suas questões constituem a sociedade como objeto, entretanto esta é questionada em sua relação com o tempo<sup>1</sup>. Tal articulação apresenta a história enquanto disciplina determinada entre as

---

<sup>1</sup> AROSTEGUI, Julio. La pesquisa histórica: teoría y método. Edusc, 2006.

ciências humanas e lhe garante uma contribuição específica para a compreensão do presente.

Há outras maneiras de representar esta experiência vivida, entretanto defendemos que a investigação histórica tem uma importante contribuição para esta análise. Segundo Aróstegui, a história do presente visa uma “*historicização da experiência vivida*”<sup>2</sup>, isto é problematiza nos marcos da disciplina histórica o presente, inserindo-o no processo histórico.

Toda historia es el resultado de la experiencia humana pero la experiencia primaria en si mismo no se da como Historia. La experiencia no es ya Historia. Sólo es, en efecto, *tematizada* como tal, cuando se consuma el proceso de su historización. (...) La historia del presente es la que tematiza *nuestra* propia experiencia como Historia<sup>3</sup>.

Esta especificidade permite através do processo de historicização trazer para o presente esta característica tão importante da experiência humana: a historicidade. Neste sentido, ressaltamos o equívoco de relacionar a história exclusivamente com o passado. Este não é um problema tão somente para aqueles que desejam escrever a história do presente. É um problema para todos, pois retira a possibilidade de historicização da nossa própria experiência, nos restando tão somente a história herdada, sem possibilidade de produzirmos a história vivida<sup>4</sup>.

A história do presente permite igualmente lançar um olhar sobre o presente mais articulado com o passado. Tal ligação permite situar e compreender as transformações e características do presente de forma contextualizada. Nas palavras de Enrique Padrós, resumindo a importância da história do tempo presente:

Em síntese a originalidade da abordagem do presente está situada no fato de poder captar a atualidade, a novidade, a irrupção e a emergência de tendências, assim como as possibilidades de estabelecer as conexões – as ‘pontes’ – que a interligam com o passado (evidenciando a vigência da perspectiva processual da história)<sup>5</sup>

## II. A especificidade da história do presente no marco da disciplina histórica

---

<sup>2</sup> AROSTEGUI, Julio. *La Historia Vivida. Sobre la historia del presente*. Madrid: Alianza, 2004.

<sup>3</sup> *Idem.*, p. 183.

<sup>4</sup> *Idem.*

<sup>5</sup> PADRÓS, Enrique Serra. Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 11, n. 19/20, p. 190-223, jan./dez. 2004, p. 204.

Neste momento, buscaremos estabelecer alguns elementos que definam a especificidade da história do presente no campo da historiografia. Isto é, o que a define enquanto subdisciplina no âmbito da disciplina histórica.

Sem dúvida, antes de atribuir a especificidade da história do presente no campo da historiografia é necessário incorporá-la neste campo. Mesmo que nos últimos anos a história do presente tenha adquirido de forma mais ou menos generalizada seu lugar, o peso da associação da história com o passado ainda se faz sentir. Tal dúvida em relação à possibilidade de uma história do presente pode estar expressa de diferentes maneiras. Podemos afirmar em síntese que tal posição expressa suas reservas à historicização da experiência vivida pelos próprios historiadores.

Um dos argumentos mais recorrentes seria a ausência do necessário distanciamento cronológico. A visão retrospectiva foi um dos cânones da história científica do século XIX, elemento indispensável para defini-la enquanto tal. Mesmo assim, muitos historiadores incursionaram pela história do passado recente, inclusive os principais representantes da escola metódica como Seignobos. Tais incursões eram, entretanto subvalorizadas por estes mesmos historiadores, não tendo o mesmo estatuto historiográfico que análises de períodos anteriores<sup>6</sup>.

Contra esta concepção fortemente assentada, porém relativamente recente a qual a história do presente busca contrapor-se:

La HTP es una respuesta frente a una limitación en el campo del análisis histórico que impuso el nacimiento de una disciplina nueva a fines del siglo XIX —lo que hemos llamado por lo común «historia positivista» y que, al lado de creaciones imperecederas e irreversibles, arrastró a los historiadores a una profunda ruptura con la tradición histórica de occidente. Una tradición que, desde Heródoto, como nos dice François Bédarida, incluyó siempre la *historia de nuestro presente*<sup>7</sup>.

Em relação ao distanciamento crítico este não está dado automaticamente pela distância temporal, mas sim é uma construção do historiador. Devemos saber na produção da história do tempo presente tirar proveito da proximidade temporal que facilita o acesso às fontes e aos seus atores. Porém é preciso destacar que o processo de

---

<sup>6</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 317.

<sup>7</sup> AROSTEGUI, Julio. Apresentação. Historia y Tiempo Presente. Un nuevo horizonte e la historiografía contemporaneista. Cuadernos de Historia Contemporánea, 1998. número 20, p. 17

historicização busca justamente construir uma mediação entre estas fontes e o conhecimento produzido<sup>8</sup>.

Se há imediatismo entre o historiador do presente e a testemunha, é necessária uma mediação na qual passa a reflexão crítica sobre o tempo e pela colocação do depoimento na perspectiva da espessura da duração, tanto do passado próximo, quanto longínquo<sup>9</sup>

Neste caminho da incorporação plena da história do presente ao campo da historiografia, outro dos obstáculos levantados é a sua inconclusividade. Trabalhamos com uma história cujos processos estão em marcha. Segundo Enrique Padrós, esta proximidade pode nos levar a considerar como definitivo algo provisório. Entretanto, até que ponto conhecer o desenlace de uma cadeia de acontecimentos não nos faz perder de vista as disputas e as possibilidades presentes no processo histórico:

É importante apontar que o desconhecimento do devir também concede maior liberdade para as mais diversas elucubrações, transformando a história em um verdadeiro campo de possibilidades

Desta forma a história escrita se aproxima com certeza mais daquilo que a história vivida é: um campo de possibilidades. Campo sem dúvida no qual os resultados não são aleatórios, no qual há um conjunto de disputas muitas vezes desiguais. Porém existe um campo de disputas não resolvidas previamente e, portanto um campo de possibilidades.

A partir desta incorporação inicia-se um trabalho mais profundo de fundamentação teórica desta subdisciplina, deslocando a questão por assim dizer da justificativa para o marco teórico, seguindo as tradicionais seções de um projeto de pesquisa.

Afinal, sua incorporação e aceitação no campo da historiografia pode por vezes vir a ser tal que dilua sua especificidade. A história do presente não seria nada mais do que a ponta extrema da história contemporânea, não sendo objeto de reflexões diferenciadas.

---

<sup>8</sup> CHAUVEAU, Agnès e TETART, Philippe (org.) Questões para a história do presente. Bauru: Edusc, 1999, p. 117.

<sup>9</sup> SÁ, Antônio Fernando Araújo. A história do presente como tempo da memória. Semina, vol. 4, nº 1, 2006.

A especificidade da história do presente não está somente na sua maior proximidade temporal. O que a delimita em relação ao conjunto da disciplina histórica é o fato de ser uma historicização da experiência vivida pelos próprios historiadores.

É neste sentido que diversos autores que se debruçam sobre a história do presente destacam a *coetaneidade* como sua principal característica. Há uma diferenciação clara com aquilo que veio a consolidar-se como a história científica a partir do século XIX, justamente definida pelo necessário distanciamento cronológico. A definição de Josefina Cuesta ressalta este aspecto:

Por historia del presente – reciente, del tiempo presente o próxima, conceptos todos ellos validos – entendemos la posibilidad de análisis histórico de la realidad social vigente, que comporta una relación de coetaneidad entre la historia vivida y la escritura de esta misma historia, entre los actores y testigos de la historia y los propios historiadores<sup>10</sup>

Esta história é produzida pelos seus próprios protagonistas, trazendo à luz a historicidade como dimensão fundamental da vida. Justificando o título de seu livro mais importante sobre a história do presente, Aróstegui afirma que:

Titular este libro *La Historia Vivida* dista mucho de ser un recurso literario. Yo diría que es, más bien, una reclamación: justamente de la *historia vivida* frente a la *historia heredada*. Una reclamación de que lo que entendemos como Historia no es sólo la herencia recibida, sino la conciencia formada a partir de la experiencia de nuestro propio actuar. (...) La historia del presente es primordialmente la *historia* experimentada frente a la tradicional historia recibida<sup>11</sup>.

Um das discussões presentes neste campo é a qual seria o marco inicial de uma história do presente. Mudrovcic utiliza o critério geracional para esta definição.

Entiendo por historia del presente aquella historiografía que tiene por objeto acontecimientos o fenómenos sociales que constituyen recuerdos de al menos una de las tres generaciones que comparten un mismo presente histórico<sup>12</sup>.

### III. As contribuições da história do presente para a análise do processo bolivariano

---

<sup>10</sup> CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madrid: Eudema, 1993, p. 11.

<sup>11</sup> AROSTEGUI, Julio. *La Historia Vivida. Sobre la historia del presente*. Madrid: Alianza, 2004, p. 12.

<sup>12</sup> MUDROVCIC, María Inés. Algunas consideraciones epistemológicas para una “historia del presente”. *Hispania Nova*, nº 1, 1998-2000.

A pesquisa por mim desenvolvida busca compreender as transformações do processo bolivariano da Venezuela, analisando estas a partir dos embates sociais travados entre os diferentes setores sociais do país. O período de 2001 a 2003 é focalizado por ser o momento no qual a disputa pelo controle do petróleo, principal riqueza do país, foi travada de forma mais contundente. Expressão disto foram os quatro locautes patronais que paralisaram o país e o golpe de estado que depôs por 48 horas Hugo Chávez do governo.

A problematização proposta nesta pesquisa visa construir as necessárias pontes com o passado mais distante a fim de compreender o presente como resultado de uma construção histórica que deve ser evidenciada. Tal caminho guarda uma importância fundamental para compreender o peso do petróleo na Venezuela ao longo do século XX. Este século começou neste país com a *Guerra do Asfalto*, disputa entre o governo da Venezuela e companhias estrangeiras pelo controle dos hidrocarbonetos no país. À deposição do ditador Cipriano Castro, seguiu-se a ditadura de Gómez responsável pela abertura do país à produção do petróleo através de empresas multinacionais como a Shell, a Standard Oil, etc<sup>13</sup>.

Associado à questão petroleira desenvolveu-se na Venezuela um pensamento definido como “nacionalismo petroleiro” surgido das lutas pelo aumento do controle do país sobre o petróleo e a renda petroleira<sup>14</sup>. Tal pensamento nacionalista teve um de seus grandes momentos com a nacionalização da indústria petroleira pelo governo de Carlos Andrés Pérez em 1975, criando a PDVSA. Este pensamento marcou profundamente a vida política e constituiu-se como uma das chaves de leitura mais importantes para compreender a Venezuela atual.

A compreensão das atuais disputas pelo controle do petróleo só é possível se compreendermos as características desta nacionalização. Esta pode ser definida como uma nacionalização negociada, na qual além do pagamento de indenizações acordadas às multinacionais, a gerência destas empresas foi mantida em seus cargos na nova companhia nacionalizada. Mesmo sendo composta em grande parte por venezuelanos, a formação desta gerência dependia de forma completa das suas empresas de origem.

---

<sup>13</sup> MIERES, Francisco (org.). *PDVSA y el golpe*. Caracas, Editorial Fuentes SRL, 2003, p. 17.

<sup>14</sup> MENDOZA POTTELLÁ, Carlos. Vigencia del Nacionalismo Petrolero. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales* 2001, Vol 12, N° 1, Año: Enero-Abril, 2006.

A crise da dívida no início da década de 1980 e a queda dos preços do petróleo compuseram a conjuntura necessária para uma remodelagem da política petroleira passando àquilo que denominamos “política petroleira neoliberal”, tendo como expressão o programa de internacionalização e de abertura, entre os anos 1980 e 1990.

Outro aspecto a ser ressaltado é a ausência na Venezuela de uma ditadura de segurança nacional o que a diferencia da maior parte dos países da América do Sul. Tal característica influenciou grandemente na ideologia de suas forças armadas e na forma como se processaram as disputas em seu seio. Não há como compreender a emergência de um setor militar bolivariano sem estabelecer este enraizamento histórico.

Além desta *contextualização histórica* mais densa do país, a abordagem histórica permite um olhar em perspectiva mais agudo. Em muitas análises do processo bolivariano há uma tendência excessiva a ressaltar sua absoluta excepcionalidade. A consequência desta posição é construir leituras excessivamente descritivas deste processo.

Todos sabemos que os acontecimentos são únicos. Entretanto, a partir da análise de distintas experiências é possível a elaboração de conceitos que contribuam para compreender os processos de transformações sociais atuais. A história da América Latina esteve marcada pela presença de governos nacional-reformistas com distintas características e dinâmicas.

Vale destacar a dialética existente entre reforma e revolução no caso cubano. Se em seus primeiros momentos o horizonte de transformação estava contido nos limites do capitalismo, os limites impostos pelo setores dominantes do país e o impulso da mobilização popular, constroem as condições para uma transformação anticapitalista<sup>15</sup>. Este processo de radicalização, presente em diversos processos de transformação na periferia do capitalismo nos permite construir uma chave de leitura interessante para abordar a “Revolução Bolivariana”.

Esta possibilidade de pensar a radicalização é sem dúvida uma das principais contribuições da história para a compreensão do presente. Conforme afirma Julio Aróstegui, *“la Historia del Tiempo Presente es una respuesta al cambio social y a los*

---

<sup>15</sup>RABY, D.L. El discurso revolucionario en el primer año del triunfo de la Revolución Cubana, *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, nº 5, 1999.

*desafíos del análisis del cambio social*”. No caso, como analisar as mudanças sociais em processo, isto é historicamente, em sua relação com o tempo.

No caso do processo bolivariano, certas análises por vezes absolutizam suas características como algo inscrito nele desde sempre, que aguardava tão somente uma maturação linear. Ao contrário, a disciplina histórica tem plena consciência de que para compreender os processos sociais é preciso compreendê-las em seu devir, isto naquilo que eles se tornam.

Aqui transparece um elemento extremamente importante: a questão da memória. Esta deve ser entendida não só como uma faculdade depositária de experiências, mas, sobretudo como uma reorganizadora permanente de experiências passadas, em interação permanente com a experiência presente. A memória deve ser apreendida como faculdade de recordar, esquecer, interpretar.

Quando abordamos as transformações no campo de experiência e os deslocamentos no horizonte de expectativa nos deparamos com a memória enquanto reorganizadora das experiências do passado recente. Estas releituras devem ser encaradas com a necessária cautela que pauta as relações entre história e memória.

La cuestión clave es ésta: toda nueva vicisitud que entra a formar parte de la experiencia de un sujeto reordena la experiencia anterior. La vicisitud temporal del hombre o, si quiere, la vicisitud histórica, es interpretada siempre desde la situación presente<sup>16</sup>

Desta forma as leituras do processo bolivariano se transformam junto com as transformações em seu campo de experiência e em seu horizonte de expectativa.

### **Considerações Finais**

Buscamos nesta comunicação abordar algumas questões em torno da história do presente relacionando-a com nossa pesquisa sobre o processo bolivariano. Falar em história do presente não deve somente ajudar a justificar tal empreendimento mas deve servir para fundamentá-lo. Por esta razão que compreender a especificidade da história do presente, especificidade esta que a define como subdisciplina no marco da disciplina

---

<sup>16</sup> AROSTEGUI, Julio. *La Historia Viva*. Sobre la historia del presente. Madrid: Alianza, 2004, p. 155.

histórica, é um pré-requisito fundamental para produzi-la. E em sua produção, repensar os fundamentos mais gerais da nossa disciplina.

### **Bibliografia:**

- AROSTEGUI, Julio. *La Historia Vivida. Sobre la historia del presente*. Madrid: Alianza, 2004.
- \_\_\_\_\_. *Pesquisa Histórica. Teoria e Método*. Edusc, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Apresentación. Historia y Tiempo Presente. Un nuevo horizonte e la historiografía contemporaneista*. Cuadernos de Historia Contemporánea, 1998. número 20.
- BÉDARIDA, François. *Tempo presente e presença da história*. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta Moraes. *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996.
- CHAUVEAU, Agnès e TETART, Philippe (org.) *Questões para a história do presente*. Bauru: Edusc, 1999.
- CUESTA, Josefina. *Historia del presente*. Madrid: Eudema, 1993.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História, tempo presente e história oral*. *Topoi*, Rio de Janeiro, dezembro 2002
- MENDOZA POTTELLÁ, Carlos. *Vigencia del Nacionalismo Petrolero*. *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales* 2001, Vol 12 , Nº 1 , Año: Enero-Abril, 2006.
- MIERES, Francisco (org.). *PDVSA y el golpe*. Caracas, Editorial Fuentes SRL, 2003.
- MUDROVIC, María Inés. *Algunas consideraciones epistemológicas para una "historia del presente"*. *Hispania Nova*, nº 1, 1998-2000.
- PADRÓS, Enrique Serra. *Os desafios na produção do conhecimento histórico sob a perspectiva do Tempo Presente*. *Anos 90, Porto Alegre*, v. 11, n. 19/20, p. 190-223, jan./dez. 2004.
- RABY, D.L. *El discurso revolucionario en el primer año del triunfo de la Revolución Cubana*, *Revista Venezolana de Economía y Ciencias Sociales*, nº 5, 1999.
- SÁ, Antônio Fernando Araújo. *A história do presente como tempo da memória*. *Semina*, vol. 4, nº 1, 2006.